

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, MÍDIAS DIGITAIS E SITUAÇÃO EMERGENCIAL DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19

EUNICE SIMÕES LINS

Professora Dra no Departamento de Educação do Campo DEC e no Programa de Pós Graduação em Comunicação PPGC da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, autorprincipal@email.euniceslins@gmail.com; Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário-GEPAI.

MÁRCIA MEDEIROS FIGUEIREDO

Mestre no Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões PPGCR da Universidade Federal da Paraíba –UFPB e Graduanda no Curso de Pedagogia do Campo da UFPB, coautor1@email.marcinhamedeiros2@gmail.com;

ADEMAR CANDIDO S. LINS FILHO

Especialista em Direito Administrativo, Professor de Lógica e Programação; Empreendedorismo e Informática Básica do Instituto de Tecnologia da Paraíba IFPB, coautor2@email.ademarlinsfilho@hotmail.com;

ANA PAULA ALVES DE MÉLO

Professora de língua inglesa na rede de ensino do Estado da Paraíba, pedagoga no Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba. coautor3 @email ana_paulajt@hotmail.com .

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal refletir a situação emergencial sobre o planejamento estratégico do ensino remoto em tempos de pandemia covid-19 e a utilização das mídias digitais identificando as vantagens e desvantagens no processo da arte de ensinar, a utilização adequada dos meios digitais e métodos aplicados no âmbito virtual. A tipologia da pesquisa é exploratória e descritiva com abordagem qualitativa. Como resultado do estudo foi possível identificar que o ensino remoto apresentou como vantagem em maior destaque a flexibilização do estudo, ou seja, o aluno poderá assistir novamente à aula ministrada até porque muitas são gravadas, bem como poder assistir a aula em qualquer local que esteja não ficando especificamente no espaço da instituição escolar; e quanto à desvantagem o destaque maior foi à acessibilidade ao uso do computador, muitos alunos até possuem o tablet, computador, smartphone, porém não sabe usar precisando de um letramento digital. Outro ponto é o local apropriado para o estudo que muitos não possuem no ambiente familiar. Entendemos que foi um momento de grande desafio para todos os envolvidos desde os professores e alunos, que precisaram se aperfeiçoar reinventar e se apropriar de um universo ainda desconhecido para muitos, a “Tecnologia digital”, bem como para os responsáveis que assumiram o papel de tutores e educadores de seus filhos, parentes, vizinhos e outros.

Palavras-chave: Educação profissional, Ensino Remoto, Mídias digitais, Pandemia covid-19.

INTRODUÇÃO

Trazemos como objetivo de nosso estudo descrever algumas das vantagens e desvantagens do processo de ensino remoto com a utilização das mídias digitais no período da situação emergencial durante a pandemia de Covid-19. Justificamos a escolha de nosso tema por compreendermos ser inovador e contribuir para avaliar como se deu esse processo de ensino-aprendizagem no processo mediado pela mídias digitais.

Começamos com uma descrição de modo conciso sobre o cenário da pandemia de Covid-19, sem nos preocuparmos de relacioná-la com uma determinada localidade específica ou detalhar o seu impacto em uma determinada área, seja ela econômica, social ou política. Fazemos um breve resgate de como a pandemia se originou e se espalhou pelo mundo, trazendo impactos profundos para a economia global e, por consequência, no âmbito da educação, foco de nossa análise.

O mundo inteiro desde o final do ano de 2019 tem vivenciado uma guerra contra um inimigo invisível, traiçoeiro, cruel e letal que se espalhou por todos os continentes ceifando vidas e dizimando famílias inteiras, trazendo dor e sofrimento a milhares de pessoas. Esse inimigo, o vírus SARS-Cov 2, causador da Covid-19, uma doença letal (terminologia utilizada pela Organização Mundial da Saúde –OMS, teve origem na cidade de Wuhan, China e que rapidamente, pelo o seu alto poder de contágio, se espalhou por aquele país ainda no final do ano de 2019.

O que se tratava até então de uma endemia, aos poucos foi ganhando proporções mais alarmantes a ponto de começar a fazer vítimas em outros países mais próximos, como a Coreia do Sul e o Japão. No início de 2020 o vírus começa a se espalhar por outros continentes, chegando à Europa, onde provocou um quantitativo exorbitante de casos e vítimas na Itália, Espanha, Inglaterra e França na primeira onda de contágio da doença.

A partir desse panorama, vivido primeiramente no continente asiático e já bastante preocupante, somado àquele vivenciado no continente europeu, onde a quantidade de mortes alcançou números assustadores, o vírus migrou para outros continentes, como a América do Norte, América do Sul e Central e a África, ampliando o quantitativo de casos e óbitos em consequência da COVID-19.

Portanto, com o vírus se propagando pelo mundo, causando desmensurada crise sanitária e econômica, no mês de março de 2020 a Organização

Mundial de Saúde – OMS fez um alerta ao mundo, anunciando que estávamos passando por uma pandemia. Para entender do que se trata uma pandemia é necessário recorrer a um termo variante a ela, ou seja, ao que a antecede: a epidemia.

Sendo assim, a pandemia é a ampliação de uma epidemia, que segundo Rios, (1999, p. 251) apresenta epidemia como: “doença contagiosa que, numa extensa área, ataca ao mesmo tempo muitas pessoas”. Nessa mesma linha de pensamento, o termo epidemia é apontado por Amora, (1999, p. 268), como: “doença que ataca, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, grande número de pessoas”.

Portanto, partindo do termo “epidemia”, pode-se chegar à definição do termo “pandemia”, que é apresentado por Amora (1999, p.514), como: “epidemia generalizada”. Essa terminologia fica evidente de forma concreta, uma vez que a doença está amplamente espalhada em todos os continentes do mundo, provocando cada vez mais casos da doença e levando muitas pessoas a óbito.

É bom evidenciar que essa não é a primeira vez que o mundo é acometido com uma pandemia e que, além da Pandemia atual, o da Corona vírus (SARS-CoV-2 ou COVID-19), tiveram ao longo dos últimos séculos outras pandemias, como explicitado a seguir:

[...] observa-se que as pandemias mais notáveis e com amplas repercussões espaço-temporais na demografia humana são identificadas por uma periodização de eventos destacadas principalmente na literatura ocidental, embora sem precisão estatística, partindo do século VI com a conhecida “Praga de Justiniano”, passando pelo século XIV com a “Peste Negra”, até se chegar no século XX com a “Gripe Espanhola. (SENHORAS, 2020, p.03).

Como esta pandemia atual, as pandemias ora apresentadas que se manifestaram em momentos distintos provocaram grandes prejuízos à economia mundial, escancarou a fragilidade da saúde pública e as péssimas condições sanitárias pelo mundo, além de causar a morte de milhões de pessoas. Embora, como pontuado ainda por Senhoras (2020) que os dados estatísticos não possuíam tanta fidedignidade e precisão, mas sabe-se que qualquer pandemia tem como característica o alto índice de casos da doença e, conseqüentemente, de mortes.

A Covid-19, pela forma de contágio, não tem sido diferente das demais pandemias que ocorreram pelo mundo, ainda mais por que o vírus vem

sofrendo constantes mutações genéticas e conseguindo se tornar bem mais agressivo, contagioso e letal.

Assim sendo, começam a adotar procedimentos que visam evitar o contágio do vírus, recomendados pela OMS. Uma das medidas – talvez a principal e mais impactante – foi o distanciamento social e a necessidade de se não promover aglomeração, bem como o uso de máscara, sendo necessário o fechamento de diversos setores, em nosso caso específico, foco de nossa análise, as instituições educacionais também foram fechadas e passaram a oferecer o Ensino Remoto como proposta de continuidade do ano letivo.

É certo apontar a educação como um dos campos no qual se precisa aglutinar um quantitativo de pessoas, promovendo com isso a aglomeração no espaço da sala de aula – como apontam Saraiva, Traversini e Lockmann, (2020, p. 02): “[...] Quase sempre as primeiras instituições alcançadas por essas medidas são as educacionais, ambientes que mantêm um grande número de indivíduos confinados juntos por longos períodos [...]” e que pela gravidade do contágio, a decisão de resguardar esse direito da não presença nas salas de aulas se tornara uma decisão acertada entre as medidas a serem executadas.

Entretanto, nem os mais pessimistas conseguiam ainda prever a necessidade de dilatação desse período de distanciamento em virtude do não término do ciclo de contágio da Covid-19. Tal necessidade ocasionou, assim, a imposição da elaboração de estratégias emergenciais e modos alternativos de ensino, sendo o ensino remoto via ferramentas de vídeo chamadas o escolhido como mais viável na maioria dos casos.

Até então não era permitido por lei o ensino remoto ou a educação à distância para atender às turmas de educação básica no Brasil. Entretanto, diante do contexto inesperado, a fim de atender a uma demanda urgente, o Ministério da Educação – MEC – publicou a Portaria 343, de 17 de março de 2020¹, autorizando em caráter excepcional essa modalidade de ensino:

Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino,

1 <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>

de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017.

§ 1º O período de autorização de que trata o caput será de até trinta dias, prorrogáveis, a depender de orientação do Ministério da Saúde e dos órgãos de saúde estaduais, municipais e distrital.

Atentemos, porém, para o período de apenas trinta dias que poderia se estender por até sessenta. Nos primeiros dias de isolamento das famílias não se cogitava a necessidade de estendê-lo por tantos meses e, desse modo, foi necessária a publicação de uma segunda portaria apenas dois dias depois (Portaria 345, de 19 de março de 2020)², onde o então ministro da educação suprimiu o detalhe que tratava do curto prazo de utilização da medida emergencial de ensino remoto, deixando margem para que esta prática pudesse se estender por um período mais extenso.

Na portaria MEC 473³, de 12 de maio, o Ministério da Educação decide prorrogar “por mais trinta dias, o prazo previsto no § 1º do art. 1º da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020”.

Em junho do mesmo ano tivemos a publicação da portaria MEC nº 544⁴ que

Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020.

Por fim, perante o cenário trágico ocasionado pela doença, somado à falta de vacinas e políticas públicas robustas por parte do governo federal com o objetivo de dirimir o contágio em larga escala, já em dezembro de 2020, houve a necessidade de outro documento: o Parecer 19 do Conselho Nacional de Educação⁵, que passara a autorizar o ensino remoto durante

2 <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-345-de-19-de-marco-de-2020-248881422?i-heritRedirect=true&redirect=%2Fweb%2Fguest%2Fsearch%3FqSearch%3DPortaria%2520345%2520de%252019%2520de%2520mar%25203%2520A7o%2520de%25202020>

3 <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-473-de-12-de-maio-de-2020-256531507?i-heritRedirect=true&redirect=%2Fweb%2Fguest%2Fsearch%3FqSearch%3DPortaria%2520473%2520C%252012%2520de%2520maio%2520de%25202020>

4 <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>

5 http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=-167131-pcp019-20&category_slug=dezembro-2020-pdf&Itemid=30192

todo o ano de 2021, até o próximo mês de dezembro. O parecer delegou aos sistemas de ensino públicos e privados autonomia para elaborar seu próprio calendário escolar, além de estratégias para cumpri-lo conforme a realidade local.

A adoção do ensino remoto, porém, desvela uma triste realidade do nosso país: o grande índice de alunos sem acesso a recursos tecnológicos para poderem acompanhar as aulas dentro desse modelo. Foi possível perceber o profundo abismo entre aqueles alunos e professores que possuem amplo acesso à internet e outra grande camada da população desprovida de recursos para possuir um aparelho eletrônico (*smartphone, tablet, notebook*), além de uma boa rede de dados que lhes possibilite acompanhar as aulas e também se inserir na sociedade digital globalizada.

Partimos do princípio de que o ensino remoto consiste no formato de escolarização mediado por tecnologias, prevalecendo o distanciamento físico entre professor e aluno. Todo o processo acontece viabilizado pelo uso das plataformas digitais, por isso “o planejamento do ensino deve levar em consideração os diferentes aspectos que envolvem o contexto e a realidade do aluno e do professor, conforme ressalta” Garcia; et al (2020, p.2).

O planejamento para a realização do ensino remoto pode acontecer de dois modos: da forma síncrona (quando todos estarão conectados à internet, on-line ao mesmo tempo) e da forma assíncrona (com atividades e tarefas off-line) fazendo uso de recursos (ferramentas, aplicativos e softwares) e as mídias que dizem respeito ao suporte tecnológico (computador, *smartphone, tablet*). Desse modo, construímos nossa questão-problema: Quais as vantagens e desvantagens do ensino remoto?

Inicialmente, cabe destacar que este modelo de ensino remoto que conhecemos desde 2020 foi adotado como estratégia emergencial, uma alternativa à falta de aulas que já se prolongava por algumas semanas – em alguns casos meses – sem que houvesse qualquer perspectiva de retorno ao modelo de aulas presenciais com o qual sempre estivemos habituados.

Esta significativa mudança, por ter sido iniciada de modo repentino, tirou boa parte dos professores e demais profissionais envolvidos no processo de ensino, da zona de conforto, forçando-os a pensar novas estratégias de abordagem e criação de conteúdo. A nova realidade exige capacidade ainda mais ampliada de inovar, experimentar e ressignificar a forma de como apresentar o conteúdo programático aos alunos.

Foi possível perceber que embora quase sempre familiarizados com os equipamentos de acesso à internet, redes sociais e ferramentas de

comunicação *online*, crianças, adolescentes e jovens não tinham o hábito de utilizar a rede mundial de computadores para acessar material instrutivo ou pesquisar tópicos relacionados aos assuntos tratados durante as aulas, a não ser quando exigido um trabalho escrito como atividade obrigatória.

Além dos alunos, a quase totalidade dos professores nunca havia tido acesso a formação adequada para trabalhar com o ensino remoto. Subitamente todos, estavam diante de equipamentos muitas vezes obsoletos e não raramente operando plataformas inadequadas, empenhando-se em descobrir como ensinar pessoas que nem mesmo podíamos ver através de suas câmeras fechadas, nem ainda podíamos saber se nos viam, se nos ouviam, se conseguiam compreender o que tentávamos com tanto embaraço explicar, ou mesmo se ainda estavam ali.

Mais do que nunca o conteúdo a ser ensinado tornara-se o menos relevante elemento da aula. As preocupações agora se voltavam de como ensinar? E o que ensinar? Utilizando as mídias digitais, fazendo uso das novas linguagens, de novas estratégias para dialogar com os alunos cada vez menos motivados. Não se pode negar que o vídeo é muito mais cansativo e por vezes menos dinâmico que o contato presencial.

Somada a tudo isso, emerge a já sabida, mas nunca tão escancarada desigualdade social brasileira. Uma grande porcentagem dos alunos não possuía equipamento que lhes possibilitasse acessar a internet e, assim, as aulas; aqueles que o tinham não dispunham de um pacote de dados suficiente para os encontros diários com colegas e professores através das videochamadas; outros tantos precisavam dividir um único aparelho com os demais irmãos, revezando entre eles quem podia frequentar as aulas em cada dia da semana. Realidade totalmente diversa da maioria dos alunos das redes de escolas privadas do país.

Se antes já havia imensa discrepância entre crianças e adolescentes moradores de comunidades mais pobres, alunos de escolas públicas e seus contemporâneos filhos da classe média e com amplo acesso a material didático e instrumentos culturais, agora a pandemia de Covid-19 apresenta uma grande disparidade. Coube, mais uma vez, aos professores da rede pública ou privada a tarefa de desenvolver técnicas que possibilitasse ao grupo discente oportunidades de aprender e de receber o conteúdo programático, mas, ficou a desejar boa parte do conteúdo, devido às desvantagens que cada um encontrou durante esse processo do ensino remoto.

E o que dizer das Tecnologias Digitais? Ou da era da tecnologia dos computadores, onde a informação assumiu o caráter virtual, sendo capaz

de amplificar o armazenamento e circulação de enormes volumes de informação.

Foi a partir dos satélites de telecomunicação cobrindo todas as regiões do mundo e da velocidade dos computadores, medida em bilionésimos de segundo, que houve “uma contração rápida do tempo necessário para coletar, tratar e utilizar a informação na tomada de decisões”⁶. Segundo Massuda (1982), estas tecnologias de processamento de informações, desenvolvidas através das funções de memória, computação e controle, ampliam a capacidade humana de produzir conhecimento e fazê-lo circular⁷.

Atualmente os controle-remotos, tecnologias digitais, a edição de imagens e sons computadorizados estão conferindo um novo significado à interferência da informação na vida dos cidadãos. Portanto, nessa época do espetáculo virtual, os audiovisuais encarnam modificações técnico-instrumentais de consequências profundas para a percepção dos usuários. À medida que evoluem as tecnologias da informação, novos modos da experiência humana se inscrevem na história da cultura.

Neste novo mundo, em que tudo parece produto da informação, quando tudo se transforma em imagem, o indivíduo experimenta novas maneiras de se reconhecer como sujeito. Os novos dispositivos técnicos audiovisuais têm um efeito e uma recepção bastante acentuados no cotidiano dos cidadãos, promovendo radicais mutações nas formas de identificação dos sujeitos.

Percebemos que a preocupação com o controle da informação é antiga, nasce com o projeto de modernização ou aburguesamento social. Em seguida, observamos que a preservação, organização e distribuição da informação evoluiu a partir da emergência de um conjunto de procedimentos sociais e tecnológicos: da classificação em fichas, à biblioteconomia; da microfilmagem, à documentação; do uso dos computadores e satélites em rede, à ciência da informação.

A modificação social tem sido produzida, no entender de Castells (1999), por uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação. Para ele não só o sistema de comunicação se modificou, mas também toda a vida social passou por alterações: os sistemas políticos estão passando por uma crise estrutural de legitimidade; os movimentos sociais têm sido fragmentados e efêmeros; o sistema econômico busca se ajustar para integrar-se

6 - LE CAODIC, op cit., 8.

7 - Maiores informações consultar Yonej MASSUDA, **A sociedade da informação como sociedade pós-moderna**. Brasília: ESAF/ UnB, 1982.

nos mercados financeiros globais; os sistemas administrativos são reordenados a partir do estatismo soviético e da reestruturação do capitalismo. E o modelo de gestão é caracterizado por maior flexibilidade de gerenciamento, descentralização das empresas, individualização e diversificação.

Para Castells (1999)⁸ essas modificações sociais tiveram início com a recente popularização dos microcomputadores, pois até o final da década de 60 estes eram utilizados apenas em planos de defesa nacional e em exploração espacial. Posteriormente, os computadores se estenderam para outros setores da sociedade, tais como, empresas privadas e públicas, com o fim de aumentar a eficiência no gerenciamento e administração para crescimento econômico. E, por fim, tivemos a maioria dos setores sociais informatizados.

Contudo, a quantidade de computadores não foi a única alteração, mas a existência de um circuito integrado de microprocessadores de informação, ou uma rede constituída pelo conjunto de várias linhas de telecomunicação. Foi a partir desse momento que se estabeleceu uma nova estrutura sócio-econômica, centrada na produção de valores informacionais, cujos produtos básicos são tecnologia e conhecimento.

Uma sociedade que se reorganiza a partir de uma nova relação entre economia, Estado e sociedade. Uma relação que se orienta pelos fluxos globais de riqueza, poder e imagem, bem como, pela busca de identidade individual e coletiva dos sujeitos sociais. O sociólogo catalão, pesquisador do que ele chama de Era da Informação, Concorda com Castells (1999) e afirma que a complexidade dessa nova economia e cultura em informação surge a partir da penetrabilidade da revolução da tecnologia da informação em todas as esferas da atividade humana.

Assim, tomamos a revolução tecnológica da informação, constituída pelo conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica (computação – software e hardware –, telecomunicações, radiodifusão, optoeletrônica, engenharia genética e linguagem digital) como a nova base material da atividade econômica, da organização social e reestruturação global do capitalismo.

O paradigma da Tecnologia da Informação, denominação de Castells (1999), consiste no modo como a sociedade contemporânea se organiza, em termos de produção e relações de poder. Em outras palavras, o desenvolvimento econômico e a estrutura de relação social têm como base à

8 - Cf. Castells (1999).

tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento de informação e de comunicação de símbolos.

Nesta sociedade pós-industrial é a geração de novos conhecimentos a principal fonte de produtividade, ou seja, o que caracteriza o crescimento da economia é a “acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento da informação”⁹. Por isso que a competitividade entre as empresas consiste na busca de inovação tecnológica, pois será através dela que se poderá gerar mais conhecimentos e mais informação.

As duas realidades concretas do informacionalismo são a inovação tecnológica e a transformação organizacional, são elas que garantem a velocidade e eficiência da reestruturação do capitalismo. O sistema organizacional da empresa, a partir dos incrementos da tecnologia, passou a assumir novas estratégias de produção, não mais na mecanização linear e hierárquica da linha de montagem do taylorismo, mas na flexibilidade e na adaptabilidade dos processos de produção.

Na sociedade informacional, apesar da diversidade que assume nas variadas culturas onde se instala, dois aspectos são essenciais: as tecnologias da informação e a economia global/informacional.

As novas tecnologias da informação além de integrarem o mundo em redes globais, viabilizando a múltipla comunicação das informações, também se constitui num dispositivo de processamento da informação no qual a técnica não é apenas instrumento, mas processo social que cria uma nova possibilidade de relação.

Assim, é a partir das tecnologias da informação que se dá “os processo sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas)”¹⁰. Em outras palavras, essas tecnologias criadas para agir sobre a informação, não só penetram em toda a atividade humana moldando a existência, mas são ao mesmo tempo moldadas pela capacidade criativa do homem no momento da produção.

O outro aspecto característico desta sociedade informacional é sua economia. Uma nova economia surgida no último quartel deste século e caracterizada como informacional porque “a produtividade e a competitividade de unidades de agentes nessa economia, dependem basicamente de gerar, processar e aplicar de forma eficiente à informação baseada em

9 - CASTELLS, op. cit., p. 35.

10 - Ibidem, p. 51.

conhecimentos”¹¹. Esse procedimento tipifica-se como global porque as atividades produtivas, o consumo e a circulação estão organizados em escala global.

Em resposta a crise capitalista dos anos 70 caracterizada pela desaceleração das taxas de crescimento econômico e na busca de maior produtividade, houve um avanço na inovação tecnológica como tentativa de ampliar a lucratividade e a competitividade. Então, nessa perspectiva de ampliar as margens de lucro, o capitalismo teve de procurar novos mercados capazes de absorver uma crescente capacidade de produção de bens e serviços, surge assim “uma economia em rede profundamente interdependente que se torna cada vez mais capaz de aplicar seu progresso em tecnologia, conhecimentos e administração na própria tecnologia, conhecimentos e administração”¹².

Isso ocorre para abrir novos mercados em rede global, o capital necessitava ser móvel, e as empresas precisavam contar com maior fluxo de informação. Sendo assim, a própria empresa precisava passar por uma alteração: maiores investimentos na infra-estrutura de comunicação/informação para maximizar a vantagem competitiva. Era a única opção para enfrentar a desregulamentação de mercados e a globalização de capital, ou como diz o próprio Castells (1999): “à economia industrial, restava tornar-se informacional e global ou então sucumbia”¹³.

Esse é o processo de capitalismo informacional, ou movimento em prol de aumentar a produtividade de empresas privatizadas, motivadas pela modernização tecnológica. Nesta fase do capitalismo, o informacional, a estratégia de estímulo ao crescimento econômico se dá mediante a geração de conhecimentos e processamentos da informação no interior da empresa. Uma estratégia que é dinamizada a partir da concorrência entre os próprios agentes econômicos que se lançam na busca de transformações tecnológicas.

METODOLOGIA

No primeiro momento de nosso estudo, selecionamos a pesquisa exploratória que de acordo com Cervo e Bervian (2002) têm como objetivo

11 - Ibidem, p. 87.

12 - Ibidem, p. 88.

13 - Ibidem, p. 110.

proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de instituições.

Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração os mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Os autores ressaltam que na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: levantamento bibliográfico para desenvolver a fundamentação teórica; entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado em nosso caso, professores e alunos. Vale ressaltar que a entrevista foi realizada de modo virtual. Assim, nesse momento coletamos todas as informações possíveis sobre o objeto a ser estudado.

No segundo momento selecionamos a pesquisa descritiva, que de acordo com Cervo e Bervian (2002), tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

A pesquisa descritiva é aquela que observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Desse modo procura descobrir, com precisão possível, a frequência comum que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características.

E para análise dos dados coletados, delimitamos como recorte a abordagem qualitativa. Desse modo, fomos descrevendo nosso estudo e apresentando os resultados e considerações do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

E Quais foram os Desafios Docentes?

O grande desafio enfrentado pela maioria dos professores da educação básica até o ensino superior no nosso país surgiu quando da necessidade de transferir suas aulas das lousas para as telas de computador e aplicativos de celular. Foi preciso aprender um novo jeito de criar conteúdo, os livros didáticos tornaram-se insuficientes e as ferramentas de comunicação e o uso das mídias digitais também tiveram que ser modificadas.

Partimos do pressuposto diante da análise dos dados coletados em nossa pesquisa que o principal empecilho tenso sido mesmo a falta de familiaridade, ou seja, acessibilidade com os equipamentos eletrônicos e todas as possibilidades de comunicação que eles oferecem, apresentando

muita dificuldade de interagir. Não se havia preparado para um momento como este no espaço escolar e nem se poderia prever a imposição de uma mudança tão brusca em nossas salas de aula. Ocorreu que a formação passou a acontecer paralelamente à aplicação dos novos conhecimentos que foram sendo adotados em tempos de pandemia Covid-19.

Vivemos hoje um grande desafio, por força e obra da realidade, um tempo de necessária humildade, em que todos necessitam ‘aprender a aprender’ as questões inerentes à utilização das tecnologias como parceira para a efetivação da prática docente nessa nova forma de ensinar. (VALENTE et al, 2020)¹⁴.

Novos textos, novos exercícios, aulas gravadas, criar e alimentar páginas em redes sociais, disponibilizar seu contato pessoal para os alunos e suas famílias – que nem sempre respeitavam os turnos de trabalho ao buscarem ajuda – Desse modo, os professores precisaram se adaptar a uma nova rotina, reorganizar seu tempo, restabelecer um novo ritmo de trabalho, reprogramar as atividades. Tudo isso sem esquecer sua vida pessoal e familiar, pois também tiveram que ser, em muitos casos, professores dos próprios filhos.

As atividades propostas precisavam, agora ainda mais, intercalar momentos lúdicos com outros que exigiam mais foco, já que a realidade de atendimento meramente online não mais permitia os pequenos intervalos da rotina presencial.

Não obstante todos os esforços, em muitas realidades, não foram possíveis alcançar a boa parte (quando não a maioria) do corpo discente. Especialmente na rede pública, muitos alunos não conseguiam acesso às aulas remotas, uns por falta de equipamentos, outros por falta de uma rede de dados suficiente para utilizar as plataformas digitais, outros ainda por uma combinação dos dois fatores.

Tamanha dificuldade obrigou muitos professores a buscarem alternativas ao contato estritamente online. Algumas redes de ensino passaram a adotar o material impresso. Apostilas produzidas pelos professores e

14 VALENTE, G. S. C.; MORAES, Érica B. de .; SANCHEZ, M. C. O. .; SOUZA, D. F. de .; PACHECO, M. C. M. D. . Remote teaching in the face of the demands of the pandemic context: Reflections on teaching practice. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e843998153, 2020. DOI: 10.33448/rsd -v9i9.8153. Disponível em: <https://www.rsjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153>. Acesso em: 12 oct. 2021.

deixadas na escola, onde alunos e seus responsáveis poderiam buscá-las para realizarem seus estudos em casa, devolvendo-as após as atividades realizadas.

Cabe igualmente mencionar aqui a realidade vivenciada em muitos lares brasileiros, onde os pais ou os adultos responsáveis pelos nossos alunos não conseguiram auxiliá-los na execução das tarefas escolares por falta de formação adequada, muitos sequer tiveram acesso ao ensino quando jovens. Há ainda aqueles que não conseguem se fazer presentes no dia a dia, perante a rotina exaustiva de trabalho, de modo que seus filhos são responsáveis até por executar algumas tarefas domésticas, como preparar o próprio alimento, diante de sua ausência. Por outro lado, existem familiares que, embora tentando apoiar, acabam por exigir demasiadamente das suas crianças e jovens, não respeitando o momento de absoluto estresse e esgotamento mental experimentado pela maioria de nós no período pandêmico.

Ademais, os professores se depararam, ainda, com um contexto de desmotivação de muitas crianças e jovens, que não se sentiam estimulados a realizar em casa as tarefas escolares. Fato que trouxe uma nova necessidade: fazer uma busca ativa pelos seus alunos, saber como estão, como está sua saúde e dos seus familiares, como está a rotina da família e, assim, empenhar-se em mantê-los em contato com a escola, promovendo alternativas de socialização que possam temporariamente ocupar o lugar do encontro presencial diário.

Importante destacar aqui que, além de muitos alunos, um alto número de professores se viu obrigado a adquirir novos equipamentos para atender à atual realidade do ensino, utilizando-se de recursos próprios para a compra de computadores, serviços de internet capazes de atender à demanda e até mesmo papel para que nenhum aluno ficasse sem suas atividades.

A nova realidade da educação básica trouxe à tona a urgente formação de “um indivíduo e um profissional criativo, autônomo, crítico, inovador, que possua as habilidades necessárias para não se ocupar apenas em executar mecanicamente o que é proposto, mas que consiga ir além, criando algo novo” (TELES et al, 2019, p. 3)

O foco não é mais realizar atividades a fim de cumprir uma carga horária, mas definir o que importa aprender, como e com que ferramentas aprenderemos, com foco no aluno que queremos formar, ressaltando que a escola deve ser muito mais que conteúdos, formando atitudes e cidadania.

Então, qual o novo jeito de avaliar?

Outro grande desafio proposto aos professores e equipes pedagógicas durante o ensino remoto emergencial foi criar novos jeitos de avaliar nossos alunos. Não cabe mais nesse novo contexto avaliar a retenção do saber, é preciso agora avaliar a capacidade operatória, a autonomia de cada aluno ao conduzir seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

As provas tradicionais, sem pesquisa, que exigem grande capacidade de memorização não condizem mais com nossa realidade. Agora os alunos têm à mão, em todo momento, amplo material de pesquisa (ao menos parte deles) e os professores precisam considerar seu desempenho ao utilizá-lo. Se antes não permitíamos o uso do celular na sala de aula, agora ele é imprescindível, tornando-se uma poderosa ferramenta pedagógica de interação e criação de conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante, neste momento, que a escola estabeleça – sempre que possível – parceria com as famílias. Pais, mães e outros adultos responsáveis passam, agora, não mais a maior parte do tempo, mas a totalidade dele junto aos nossos alunos e tornam-se ainda mais essenciais no apoio que podem oferecer-lhes, tornando-os mais ou menos motivados para a permanência nas atividades do ensino remoto.

Os ambientes de aprendizagem, ainda que virtuais, devem ser ainda mais acolhedores. Passamos por um momento de muitas fragilidades emocionais, onde muitos dos nossos alunos vivenciam uma realidade de perdas – perdemos pessoas, círculos de amizade e convivência, poder econômico, entre outros elementos fundamentais para a construção social e emocional do indivíduo. Tudo isso deve ser levado em conta na hora de avaliar; mais importante que a aquisição de conteúdos do currículo escolar, é a maturação do processo de aprendizagem.

Não menos importante, temos a flexibilização do prazo. É interessante deixar que os alunos cumpram no seu tempo as atividades propostas e que esse tempo inclua, sempre que possível os finais de semana, pois assim poderão contar com o apoio de algum adulto que em dias comerciais não se possa fazer presente. Devemos, ainda, estimular nossos alunos, em virtude da elasticidade do período, que naveguem e pesquisem além do que foi

solicitado, dando-lhes a possibilidade de participar ativamente das aulas e intensificar sua presença na sala de aula, ainda que de modo virtual.

É imprescindível que o processo de avaliação considere a adoção de metodologias ativas. Mais do que nunca o aluno precisa ser incluído no seu percurso de construção do conhecimento. É crucial que o estudante esteja no centro do processo de ensino-aprendizagem e, para isso, o professor deve lançar mão de técnicas de avaliação mediadora, é preciso humanizar as relações de ensino e garantir que mais do que “escola para todos”, tenhamos “aprendizagem para todos”.

É fundamental, sempre que possível, contar com a participação da família nesse percurso. Construir pontes, encurtar distâncias, criar canais de comunicação com os alunos e suas famílias pode ajudar a todos os envolvidos nessa nova realidade escolar. Precisamos – pais, alunos e educadores – ampliar nosso olhar para a aprendizagem. Perceber que nem sempre aprender é meramente seguir, mas pode ser retomar para avançar, retroceder para ir adiante, nunca deixando de considerar que cada um aprende de um jeito e priorizando as atividades com foco nas competências.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário de língua portuguesa**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5.ed.SP: Prentice Hall, 2002.

GARCIA, Tânia Cristina Meira et all. **Ensino remoto emergencial: Proposta de design para organização de aulas**. (recurso eletrônico). Natal: SEDIS/UFRN, 2020. 18 p.ilu.

LE CAODIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Livros, 1996.

MASSUDA, Yonej. **A sociedade da informação como sociedade pós-moderna**. Brasília: ESAF/ UnB, 1982.

RIOS, Dermalval Ribeiro. **Minidicionário escolar de língua portuguesa**. São Paulo: DCI, 1999.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020**. Acessado em: 31 de março de 2021.

SENHORAS, Elói Martins. Coronavírus e papel das pandemias na história humana. **Boletim de Conjuntura ano II**, vol. 1, n. 1, Boa Vista, 2020. Acessado em: 31 de março de 2021.

TELES, G.; Et. al. (2019) “Docência e Tecnologias Digitais na Formação de Professores: Planejamento e Execução de Aulas por Licenciandos”, In: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 4., 2019, Recife. Anais do IV Congresso sobre Tecnologias na Educação. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, dec. p. 387-396.

VALENTE, G. S. C.; MORAES, Érica B. de .; SANCHEZ, M. C. O. .; SOUZA, D. F. de .; PACHECO, M. C. M. D. . Remote teaching in the face of the demands of the pandemic context: Reflections on teaching practice. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e843998153, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.8153. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153>. Acesso em: 12 oct. 2021.

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>